

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL
MARINA MEDEIROS POMBO

TRILHAS DE VIOLÊNCIA NO CONTEMPORÂNEO:
Uma possibilidade de desvio

Porto Alegre, 2014
MARINA MEDEIROS POMBO

TRILHAS DE VIOLÊNCIA NO CONTEMPORÂNEO:

Uma possibilidade de desvio

Trabalho de conclusão de pós-graduação Lacto-senso “Instituições em análise”, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Especialista em Análise Institucional.

Orientadora: Tania da Fonseca Galli.

**PORTO ALEGRE
2014**

Dedico este trabalho aos corpos jovens que
acompanho e aos corpos que já me permitiram
uma dança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a turma de especialização do curso “Instituições em Análise” pela possibilidade de afecção e inquietações durante os últimos dois anos.

“– Lhe vou confessar miúdo. Eu sei que é verdade: não somos nós que estamos a andar. É a estrada”. (Mia Couto)

RESUMO

As exigências do contemporâneo fazem presente o sufocamento e a captura à lógica violenta, de uma sobrevivência. Este trabalho procura as trilhas que os corpos expostos às exigências e violências seguem no seu andar, e suas saídas para os momentos de sufocamento. Sendo acompanhados jovens que circulam dentro do hospital e no consultório em que estou sendo psicóloga. Nesse emaranho de trilhas e acompanhamentos, descubro o sufocamento e a violência o encontro do contemporâneo com esses corpos, com meu corpo. E nessa trilha, a possibilidade de potência acende-se como vagalume o Contato e Improvisação e o ser dançarina me possibilita o respirar. Se o capitalismo contemporâneo pudesse falar ao ver os corpos dançarem diria que é uma “perda de tempo”. Para mim, um tempo ganho.

ABSTRACT

The demands of the contemporary make this suffocation and capture the violent logic of survival. This paper attempts tracks that bodies exposed to the demands and violence follow on your floor, and the outputs for the moments of suffocation. Being accompanied young circulating within the hospital and in the office on which I am being a psychologist. In this emaranho trails and side dishes, I find the suffocation and the violence of the contemporary encounter with these bodies, with my body. And on that track, the possibility of power lights up as the firefly and Contact Improvisation and be a dancer allows me to breathe. If contemporary capitalism could speak to see the bodies dance would say it is a "waste of time". For me, a time gain.

Sumário

Trilhas de uma escrita	11
O Exigente	16
A Lona Branca.....	25
Referências.....	29
Anexos 1:.....	30

Trilhas de uma escrita

Não sei explicar o encontro desse desencontro que é trilhar as letras e dançar em meio aos corpos sem objetivo. Procurei em diversos autores que carregam outros autores verdades para compor o sensível dessa trilha que percorro na tentativa de desenhar no mapa *monografia* o acompanhar processos clínicos e estéticos que experimentei. Ao ler o conto de Jorge Luis Borges *Funes, o memorioso* acendem-me como vagalumes, pistas desse sensível, numa costura afetuosa desse processo que é viver ou sobreviver, neste contemporâneo. A escrita do conto remete a mim os processos de escolha de como levar a vida, mesmo que essa escolha incluía negá-la.

Funes é um homem que após uma queda perde o processo ativo do esquecimento, sendo sua memória reservatório de tudo que vive, assim como as exigências vivenciadas no contemporâneo. O personagem torna-se nessa trilha escrita um exemplo dos diversos atores que acompanho no processo que acompanho psicóloga em ambientes variados, por isso a literatura de Borges será como uma linha fina costurando os emaranhados do início dessa composição. O conto se produz a partir de uma narrativa sobre esse personagem por outro de nome Pedro. É o impacto de Pedro frente à vida de Funes, que foi um bom encontro no passado, um agenciamento das afetações literárias com os impactos que as cenas descritas abaixo produziram no corpo desta que escreve agora. Pedro recorda seu encontro com Funes, recorda Funes, recorda através do que era diferente e impactante no mesmo, apenas recorda aquilo que o afetou. Assim como recordo as cenas, recordo minha posição psicóloga e recordo um pouco desse efeito do contemporâneo sobre os corpos, e é desta forma - acompanhando - que esta literatura seguirá o resto dessa trilha.

O efeito que o não esquecimento produz em Funes, rememora os impactos que as exigências do contemporâneo produzem nos corpos, e as subjetividades que se produzem nesse processo. Não há uma possibilidade para o personagem de rememorar os registros feitos de afeto da sua vivência, pois ele não esquece nada, logo não rememora nada. Assim como no contemporâneo, a necessidade de estar sempre atento em vigília exige que se recorde de tudo sem espaço para grandes registros de afeto. Recordar tudo impossibilita que a atenção eleja fatos/situações para guardar através da afecção, pois não há uma seleção do vivido, e sim, tudo que foi vivido ou imaginado à disposição. Isso seria como não ter impressões e marcas

no corpo ao longo do processo do ser, o que evidencia Funes no lugar de modelo da impossibilidade de ser contemporâneo.

Ao narrar o acompanhar processos violentos de captura e produção de corpo/doença na posição de psicóloga - na trilha por diferentes territórios - ora o de um hospital materno infantil, ora o consultório de uma clínica, é que me sento ao lado de Pedro a ouvir no escuro os seres contemporâneos que acompanho. A tentativa dessa narração passará pelas capturas, violências, afetos e experiências de recusa dos corpos - do meu corpo - frente a este contemporâneo e depois seguirá para a ligação entre as possibilidades de fuga - de potência- dessa *uma vida* podendo estabelecer relações com esses diferentes territórios que se criam.

A verdade que escolho como contemporâneo chega aos meus olhos pela escrita de Agamben (2009, p.58), que diz, antes de tudo, o significado de ser inatual, habitar o intempestivo, tornar-se, pois, em discronia com o que nos acontece. O autor escreve:

“a contemporaneidade é uma singular relação com o tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo dele toma distâncias; [...] aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos, exatamente por isso não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela”.

É dentro desta verdade que a percepção do peso da resistência que, por vezes, encontra saída nas recusas mais extremas de paralização do corpo, que meu corpo como psicóloga acompanha e reproduz. É possível sentir um extremo cheio de niilismo anterior às formas de saída e uma recusa que sufoca o corpo até ficar sem oxigenação e paralisar. Esse corpo estagnado é o que gera o impacto em Pedro e em mim. O final do conto referido traz um elemento importante a respeito desse impacto. No nosso “caso”, eles se traduzem como efeitos em corpos jovens. Não são apenas os efeitos do contemporâneo nos corpos que impressionam esses narradores e sim, o fato de serem corpos cronologicamente jovens.

Em meio a tudo, me encontro com Cesar, frequentador de um espaço terapêutico e pertencente a este mundo contemporâneo, seu niilismo e recusa prendem os ouvidos na frase que era mais ou menos assim: “*Somos pedaços de carne pensantes jogados no universo em processo de decomposição*” (Diário de Campo). Segundo ele, esta era a síntese do motivo pelo qual tentou recusar organicamente a vida. Meu corpo reproduz a estagnação por instantes e recorda-me do preenchimento inicial do pulmão, doloroso e ao mesmo tempo produtor de potência. Penso em Pedro descrevendo Funes: “*Era o solitário lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso*” (Borges, 2014, p.107).

E lá estou eu com Pedro novamente no quarto escuro, após ouvir Funes falar e falar com a impressão de ouvir alguém velho - em tempo cronológico - ao clarear e nos surpreendermos:

“Então eu vi a cara da voz que havia falado a noite toda. Ireneo tinha dezenove anos; nascera em 1868; apareceu-me monumental como o bronze, mais antigo que o Egito, anterior às profecias e as pirâmides. Pensei que cada uma das minhas palavras (que cada uma das minhas atitudes) perduraria em sua implacável memória; tolheu-me o temor de multiplicar gestos inúteis. Ireneo Funes morreu em 1889, de uma congestão pulmonar” (Borges, 2014, p.108)

Cesar não tinha a idade de Ireneo, não havia chegado lá ainda. O estagnar inclui mais um elemento para além das exigências do contemporâneo: o ser jovem, e tudo que o agrega culturalmente, falar de adolescência é falar as dores do mundo assim como sua potência Criativa. A adolescência é um despedir-se da infância – primeiro território que conhecemos – e adentrar no turbilhão de mudanças físicas e psíquicas que a puberdade produz. Culturalmente é o período de revelia e energia postas em busca das identidades fugazes e intensas no aparato social. Ser jovem é um território onde o questionamento se faz presente, mas não um questionamento infantil – curioso e inocente – e sim, um questionamento voltado ao que se apresenta como possível e que poderia ser de outra forma, ou simplesmente não precisaria ser como é. Quando se encontra jovens pela trilha se espera um: *“Típico adolescente, capaz de questionar o mundo, ver seus furos, falhas e insuficiências, sobretudo, nos representantes da autoridade.”* (Gutfreind, 2014, p.52)

O encanto da infância se quebra na dor de ver o mundo menos idealizado, processo que o adolescente vivencia intensamente, e que não creio ser cessado após adulto, é no meio desse processo de crítica e visão sobre a intolerância e sobre o absurdo que é o mundo criado pelos adultos que os jovens se encontram. É nesses encontros com corpos jovens que compreendo a escrita de Celso Gutfreind quando diz que:

“Conhecer essa fase da vida é adentrar o incomunicável de quem luta desesperadamente pelo encontro de representações no meio do caos. Está tudo ali: a intolerância à injustiça, a vida mental cheia de ideais, a capacidade crítica.” (2014, p.54)

E é nesse ritmo que o apressar o passo na trilha nos remete aos encontros que se dão entre o ser jovem, o contemporâneo e a diferença. Diferença no sentido de não adaptação dessa subjetividade às exigências desse “mundo moderno”. É a visão de alguns corpos adolescentes adentrando um niilismo e apresentando uma estagnação intensa que reproduz uma recusa dessa vida. São esses os corpos que como psicóloga acompanho, esse é o território pelo qual

trilha o embate diário com a violência institucional de alguns espaços. E é aí que meu corpo também reproduz a estagnação e o cansaço, é muito jovem – criança ou adolescente – que acompanho em sofrimento. É aí o meu sufocamento, o meu apagar do vagalume, mas assim continuo a caminhar nessa trilha.

O corpo encontra o toque em outros corpos, redescobre o fluxo como o oxigênio e se permite a capacidade de respirar. Frente ao impacto da violência diária experimentada nos diversos territórios pelo qual passo - hospital e consultório -, é no corpo transformando-se em dança o outro vagalume que se acende nessa escrita. Aqui vagalumes são as luzes que se acendem nos escuros de cada ser, são as possibilidades de potência que encontro pelo caminho.

O Contato Improvisação (CI) se define por uma técnica de movimento corporal, criada na década de 1970 por Steve Paxton, tendo por base o improviso grupal. Experiência estética que vivencio em meio às árvores, sob uma lona branca - itinerante - estendida na grama. Lá, corpos dançantes se guiam pelo toque intuitivo e o fluxo do movimento é produzido em conjunto. *“If you could do it alone, i don’t know how far it would have gone... To get a partner, you have to make one; you have to find a way to communicate the form”* (Smith, 2005, p.49).

O peso dos corpos que se acompanha no contato improvisação torna-se a trilha principal a ser seguida pelo toque, peso e toque fazem um conjunto nessa forma de dança contemporânea. O peso durante o fluxo da dança não é o mesmo peso das vivências de cada ser, é o peso do corpo orgânico atravessado por suas vivências. Ao se praticar CI algumas técnicas de equilíbrio e sustentação podem ser compartilhadas por outros dançarinos, mas o acontecer é ali, no toque. Os pontos de sustentação e equilíbrio só servem se usados num estado de receptividade, presença e improviso no inverso do que seria algo pré-estabelecido. O local em que meu corpo descobre a dança como saída dessa estagnação e captura escrita acima, é uma simples lona branca, estendida em qualquer lugar público de Porto Alegre que se torna abrigo, fuga de uma estagnação/captura.

"O abrigo é provisório mesmo que ele deva durar para eternidade; a habitação, ao contrário, é durável, mesmo que vá desmoronar amanhã. É essa relação com a temporalidade que faz a diferença. Por exemplo, habitamos nosso corpo em permanência, mas o abrigamos provisoriamente com uma vestimenta. É a diferença entre o ser e o estar. E, como a noção de "se tornar" faz parte do estado provisório, o abrigo pode vir a se tornar habitação" (Jacques, 2001, p.26)

A noção de “se tornar” em que me abrigo durante a lona é mais uma forma de produção de subjetividade possibilitada pela prática do CI que, ao longo de seu fluxo, traz perguntas que reafirmam uma estética do estado provisório que respeita o encontro como possibilidade, tendo no fato de um lugar público mais uma força contra o contemporâneo, pois é no público que a potência da ação conjunta surge contra o individualismo presente nas subjetivações de hoje.

“What is going on when I move? Where is my center? Where is down? (...) Where am I able to go? (...) This questioning, rather than formulated within one’s verbal mind is formulated and resides within the tissues of the body: bones, muscles, organs, nerves, and brain.” (Lepkoff, 2008, p.2)

É nessas trilhas e costuras, mesmo no mais raso chão e na maior escuridão, que um vagalume se acende, a atenção volta-se para ele. No turbilhão de coisas e situações que possuem objetivo, encontro na lona um território sem motivo, sem objetivo a ser alcançado. Simples, um movimento sem intencionalidade, uma interferência no meio da cidade. As amarras da intencionalidade postas no serviço e na academia tornam-se insuportáveis, e como um vagalume no escuro que acende iluminando o caminho deste território sufocante, as palavras de Alexandre Henz possibilitam uma interferência através da atividade do CI. *“Interferência e produção de pensamento pedem um “para nada” que parece insuportável na ambiência universitária ou dos serviços.”*(Henz, 2014, p.1)

Caminhar pela cidade e encontrar uma lona estendida no chão, com corpos em agenciamento, interferem na trilha que se segue. O ser é trocado por estar sendo, e a estagnação provocada pela captura e violência encontra desvio potente. É com essas letras amarradas em minha garganta que inicio esse processo de fim.

O Exigente

O exigente, aquele que no discurso anterior dessa escrita se mostra como o que estagna. Aquele ao qual há recusa, e o modo de existir de Funes faz falar desse contemporâneo exigente; “*Nós, num relance, percebemos três copos numa mesa; Funes, todos os brotos e cachos e frutos que uma paineira possa conter*” (Borges, 2014, p.104). É esse *todos* na frase de Pedro que pesa, é um vislumbrar da exigência que suga demarcando o que é pedido que se faça com o grande fluxo de informações que é possível obter nos dias atuais. São dados jogados à percepção e à memória dos sujeitos. É claro que a tecnologia com seus recursos de característica não humana auxiliam nesse grande impacto de informações.

Falar das exigências do contemporâneo abre espaço para um encontro com o falar de capitalismo; um sistema econômico que visa fins lucrativos ao privado. Gerar lucro neste mundo capital significa conseguir agregar pessoas ao consumo de algo ou, como nos dias atuais, de um modo de ser que dita formas de produção de si. O capitalismo cognitivo é um modelo pós-fordista, que exige a subjetividade do “operário”. Não interessa a repetição, e sim a capacidade de inovação do sujeito, se exige dele que essas qualidades subjetivas que emergem sejam incorporadas para dinâmica produtiva. A resistência a esse capitalismo que tenta se apoderar da subjetividade e das potências dos sujeitos se mostra como uma estagnação ou recusa dessa vida. Como resistir a um capitalismo que busca e transforma para si as potencialidades dos sujeitos?

Somos parte de emaranhado, de uma sociedade de corpos que se afetam e se produzem em agenciamentos. Foucault fala das verdades construídas e da falsa ideia de liberdade no instante que há amarras subjetivas (e outras nem tanto) que ditam nossas ações, uma moral e regras construídas para algum fim. É este fim que o autor explora ao diferenciar, nas páginas de *Microfísica do Poder*, o poder soberano, antes posto, do biopoder agora em jogo. O agora conta com conceitos como o de biopolítica e biopoder, que explicam os mecanismos do estado na procura para ordenar os corpos e produzi-los.

O biopoder é uma série de práticas usadas pelo estado para sujeição dos corpos sobre seu “domínio” revestido por disciplina e a biopolítica.

“ (...) a população aparecerá como objetivo final do governo. (...) E quais instrumentos que o governo utilizará para alcançar estes fins, que em certo sentido são imanentes à população? Campanhas, através das quais se age diretamente sobre a população, e técnicas que vão agir indiretamente sobre a população e permitiram aumentar, sem que as pessoas se dêem conta, a taxa de natalidade ou dirigir para uma determinada atividade de fluxos de população. (...) A população aparecer como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, frente ao governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça” (Foucault, 1996, p.289).

O primeiro, poder soberano, se ocupava de decidir quem vive e quem morre e a serviço de que, o segundo, biopoder, hoje se ocupa de capturar as potencialidades dos corpos e colocá-las a serviço do governo. Viver virou mercadoria de uso, e morrer uma das formas de escapar desse sistema. O corpo é formatado dentro de discursos vigentes que preconizam uma utilidade e é nessa lógica que não há interesse em corpos mortos, o interesse se volta aos corpos vivos e produtivos. Assim surgem discursos que preconizam a manutenção do corpo através de uma valorização do que é posto como práticas *saudáveis* e possibilidades de viver mais. Junto com os discursos, os produtos surgem e a produção de subjetividade se volta à preservação da espécie. Pelbart lembra que “*Como diz Foucault, nesse novo regime o poder é destinado a produzir forças e as fazer crescer e ordená-las, mais do que a barrá-las ou destruí-las*” (Pelbart, p.56)

Corpos produzidos em acordo com as necessidades do capital, as técnicas se modificam e a captura dos modos de ser e produção se fazem à revelia. A afetação de Pedro, no conto, com a frase de Funes “*Eu sozinho tenho mais lembranças que terão tido todos os homens desde que o mundo é mundo*” (Borges, 2014, p.105), me remete aos jovens que me afetam no acompanhar como psicóloga. Hoje, os jovens estão sempre ligados em tudo, seus celulares - dispositivos não humanos - acabam por acoplamentos do humano. O que se ouve sobre a internet e o processo de globalização glorifica as milhares possibilidades que estes recursos nos apresentam, e junto acoplam (como os jovens e seus celulares) a exigência de corpos informados. *É preciso estar informado*, como diz a propaganda de uma prova nacional aplicada em jovens que pretendem ingressar em curso superior ou forma-se no ensino médio. A quantia de informação bombardeada a esses novos sujeitos que a internet possibilita é depois exigida como matéria prima, os sujeitos precisam estar ligados a seus e-mails para uma comunicação eficaz e instantânea. Há mais dispositivos não humanos que auxiliam nessa

amplificação do horário implicado de produção de si, e a cada vez mais amarras que preconizam essa lógica.

“O uso do inumano, da internet como parte desse corpo - dessa vida nua. Agora cada um se submete voluntariamente a uma ascese, seguindo um preceito científico e estético, nas academias ou nos consultórios cirúrgicos.” (Pelbart, 2008, p. 6)

Até as relações pessoais entram no ritmo, e na batida seguem o ideal da rapidez e utilidade. Promover-se e investir em redes sociais que primam por rapidez e escolhas “precisas” na hora de relacionar-se é sinônimo de poupar tempo. Permitir-se conhecer os corpos pelo fluxo não é uma opção válida num contemporâneo que possibilita aplicativos similares a catálogos de objetos; as pessoas colocam em aplicativos móveis listas com seus interesses, fotos e desejos o que permite que outros sujeitos escolham com quem querem se relacionar baseado em pressupostos de identidades pré-estabelecidas e produzidas. É nesse mundo que o cheio de coisas, informações e afetos ao mesmo tempo é o esvaziado de coisas, informações e afetos que crianças, jovens e velhos circulam e se afetam. Retomo o relato de Pedro sobre Funes, personagens de Borges:

“Disse-me que, antes daquela tarde chuvosa em que o azulejo o derrubou, ele havia sido o que são todos os cristãos: um cego, um surdo, um aturdido, um desmemoriado. (...) Dezenove anos tinha vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e assim também as memórias mais antigas e mais triviais”. (Borges, 2014, p.104)

São tantas informações que nada perdura. Assim como o personagem, olhamos sem ver, ouvimos sem ouvir e esquecemos quase tudo, como se nada pudesse criar raízes, perdurar a ponto de criar uma configuração. Imagina perder tempo com o sentir do outro, com a possibilidade de uma conversa na escuridão noite adentro que Pedro faz ao visitar Funes, sem vê-lo por causa do escuro, o vê mais. As experimentações de Pedro se agenciam às minhas experimentações no acompanhar o processo do Contato e Improvisação (CI) - técnica de movimento corporal - como bailarina.

Entre várias configurações e afetos, há uma que cabe ressaltar entre essas frases. A configuração de Profissional da saúde em ambiente hospitalar. Todos esses discursos de captura e produção encontram eco nas paredes do hospital e na vontade de resistir a elas. No meio de uma instituição total, rememoro as antigas críticas ao trabalho segmentado, típico do taylorismo, que gerações anteriores fizeram e suas saídas para tal - propondo outras formas de

fazer - capturadas pelo capital, como refere Pelbart “toda a defesa das relações humanas, da autenticidade, de um saber-ser (mais do que um saber-fazer), do que é humano” (2003, p.99) hoje são valorizados em favor desse sistema que antes criticavam. Em outra passagem, o autor chega a dizer que “o corpo é uma realidade biopolítica” (2003, p.55)

A estabilidade é lida como estagnação desnecessária frente a tantas possibilidades. A cada segundo um novo universo pode ser descoberto, novas sensações surgem e o sujeito passa a receber essa enxurrada de novos e precisa dar espaço a esse intenso movimento. Como ficar parado diante de tantos estímulos? É “normal” dar respostas coerentes e uteis.

Nos corredores do hospital recebo uma ligação.: - Tu acompanha o paciente do 405?

Respondo sim, educadamente após procurar em minha cabeça o nome deste número. O telefonema continua:

- Ele é catatônico?

Penso eu, depois de um longo suspiro, não, só não quer falar contigo. Respondo: - Não.

- Eu acredito que sim, vamos administrar medicação.

A fala do psiquiatra produz um pavor, e correr entre aqueles corredores altos e gelados é meu novo caminhar. Sinto medo da medicação administrada nessa criança internada no leito 405 e corro para o andar da internação pediátrica para intervir, afinal não seria o primeiro a receber medicação de “reservatório”.

Chego lá, o menino está em silêncio, e vários médicos a questioná-lo, e ele ali, firme na sua decisão de não falar, de não contribuir com aquele jogo diagnóstico. Ao nos olharmos, “405 e eu”, falamos pelos olhos do insuportável que é viver nesta concepção de normalidade e saúde, e como alguns resistem ou não se adaptam a isto. (Diário de campo).

Se a criança não responde, tem algum problema psiquiátrico, essa é a lógica num mundo onde o crescer envolve slogans chamativos para escolha de uma identidade (instável) que dita como devem as crianças e adolescentes vestir-se, suas práticas de lazer, seus ideais e consumo na promessa de pertencerem ou não a um grupo. Uma identidade formatada pelo capital junto a um hospital materno-infantil, onde o foco da atenção é a doença orgânica. E a relação que se estabelece é de uma hierarquia médico paciente, na qual o paciente é visto como aquele que não tem voz, que não sabe sobre seu corpo, nem sobre sua doença.

Essa mistura de tudo reconstrói os medos de uma sociedade. Rolnik (2000) traz que o medo hoje não é fracassar na busca de uma configuração dentro da normalidade, é de não abarcar o todo de forma ativa. E é nesse processo que “(...) o estatuto dos remédios psiquiátricos, passa a ter a finalidade de evitar ou remediar a fragilização e seus efeitos - o stress, a depressão, a

ansiedade, etc”. (p.65) Essa necessidade de renovação constante e instabilidade trazida por Rolnik (2000), traça a diferença da modernidade para contemporaneidade em relação à experiência de desestabilização.

Na modernidade, tal experiência era associada à doença mental, e trazia o medo de não conseguir configurar-se de acordo com o mapa absolutizado de uma ordem considerada normal: medo de ser anormal, de fracassar ou enlouquecer. As escolhas eram movidas pela exigência de se alcançar essa suposta identidade, sob pena de sucumbir à culpa. (p.64)

Essa mistura de tudo reconstrói os medos de uma sociedade, hoje, o excesso é regra. E o excesso transborda e cega. Nesse caos, vou tateando o escuro...

Cena 2 (1): Sem medicações... exalto-me no telefone antes de entrar na dança. O quadro é uma poltrona frente a um sofá listrado, entra um jovem que conheço há algum tempo. Ele está diferente, não fala com a mandíbula da boca firme, seu queixo cai, seu olhar está perdido, sua fala lenta, seu raciocínio parece sem vida e sem morte.

Falo a ele: - Teu corpo me parece mais lento, percebe o mesmo ou não?

O que está acontecendo!? -€ Me questiono aos berros silenciosos.

O jovem fala: - Ando cansado desde que comecei a tomar esses remédios.

Remédios? (penso): - Foste ao psiquiatra?

Ele: - Sim, foi antes da alta do hospital. Ele me deu &#@!%&

Palavras e miligramas ao vento. Aquela imagem dele dopado me apavora, pergunto se percebeu que está com a boca mole e sua mão trêmula. Ele diz que sim, e apático fala não sentir nada, nem vontade de se matar. Entretanto também não sente prazer... Assim segue-se nossa conversa.

“Nem vontade de se matar”, seria esse um pouco do sobreviver que o contemporâneo nos engole, será esse o sobreviver que Agamben traz? A divergência de Agamben e Foucault alcançaria o que se encontra nessa trilha? Para o primeiro autobipoder contemporâneo se ocupa em fazer sobreviver, não viver. A vida vegetativa, se sobrevive, se respira, trabalha, existe, mas a realidade posta é biológica independente da tecnologia ou conforto que a mesma possua. Será que a recusa não é o fato de se recusar sobreviver neste contexto? Pelbart, em seu texto *Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica* (2012,p.10), traz diante dessa divergência dos autores e sobre o pensamento de Agamben o conceito de vida nua do autor. A vida nua se encaixa no sufocamento que vem sendo escrito nessas páginas, nesse niilismo extremo, na anestesia que o contemporâneo nos exige, lembro de Funes que não recorda nada

porque nada deixa registro de afeto, anestesia mesmo que seja pela hiperexcitação. É esse o contexto que é vivenciado e falado através de Cesar e tantos outros. É esse contexto que a maquinaria do hospital reproduz, as formas de “cuidado” produzem dobras que fazem pensar o como a subjetividade se faz naquele espaço asséptico.

Outro vagalume acende-se na trilha, recorro um documentário: Solitário Anônimo, produzido por Débora Diniz em 2007. A história de um senhor de idade cronológica avançada que decidiu morrer, o documentário acompanha uma das tentativas desse homem em que ele alugou um quarto e não se alimentou durante dias, porém, em determinado ponto a uma intervenção hospitalar e o senhor é obrigado alimentar-se, a sobreviver. Recorro dele e de sua resposta quando o entrevistador questionava o que era o passado para ele: “Um monte de lixo”. Sobreviver sobre este pedaço de terra não lhe servia mais, mas os aparatos institucionais lhe obrigam a continuar existindo. É uma sobrevivência intimamente ligada à violência. Costuro ai a frase de Funes: “Minha memória senhor é como um monte de lixo”. (2014, pag.105) É exigir que o sujeito viva num território que não elimina o corpo, mas captura sua potência. É exigir que o sujeito, sobre esse pedaço de terra, apenas sobreviva.

Ao sair do hospital, a desorientação me toma e é em frente à lona branca que recupero fôlego para ler a carta que me foi dada. Enquanto leio, a grama gelada, o vento e os corpos a dançar se apagam de minha atenção. A frase que já teve várias versões faladas, agora se mostra escrita: *“somos pedaços de carne apodrecendo em cima de um pedaço de terra”*.

Me remete ao niilismo de meus escuros, somos pedaços de carne, e a idade vai mostrando o quanto essa forma de corpo não é durável. E o durável é sobre um regime do capital, uma exigência de produção de si que toma a existência para si.

Este jovem me questiona. Mas porque eu preciso fazer vestibular? E eu me questiono que decisões são essas que os jovens já precisam tomar a partir de certa idade? Como isso se estabeleceu?

Qual seria o sentido então dessa existência? Essa é uma pergunta que ressoa nos ouvidos após ler a carta, a afirmação de não haver sentido paralisa os pensamentos. O niilismo impregnado naquela escrita é o mesmo que me angustia. Fecho a carta, olho para os lados, há corpos dançando. Entro na lona.

Saio da lona e penso no Suicídio. Nada é atrativo ao suicida, esse poder não captura o corpo. Fazer algo da vida? O movimentar do contato chama para outro local. Ali é uma sobre vida, diferente de sobrevivência. Penso: Envelheci dez anos em um dia, é isso que tenho para falar sobre o suicídio. E não estou sozinha, comigo existem vários. Agora para falar do processo que ocorreu antes disso usarei palavras claras, mas amenas perto do horror do invisível que é

essa temática para aqueles que não a passaram no corpo. Seja por não acreditar, ou pensar que força e medicação controlam a psique, o que vejo é um descontrole maior e uma patologização do desejo de destruição inerente ao ser humano. Ao fazer uso do termo “patologização” me refiro à ideia de doença permanentemente medicada e que deve ser controlada, como se a decisão de viver ou morrer fosse uma doença que não deve ser sentida ou escutada. Nos corredores do hospital, me deparo com a escrita de Muylaert, que dentro de uma enfermaria de um hospital geral assiste e participa de situações de violência institucional as quais procura entender o jogo de forças estabelecido.

“Um corpo doado ao conhecimento ainda em vida (lembremo-nos que estamos num hospital-escola, onde os procedimentos com os corpos são incansavelmente demonstrados), escravizado que está na sua afecção.

Nestes corpos, docilizados institucionalmente na forma “paciente”, ocorre esta cisão como necessária – um “eu não estou mais aqui”, o corpo como posse e não como constituinte – até mesmo para a continuação de um tipo de vida”. (Muylaert, 2011, p.80)

A ideia do científico sobre o vivido, sobre o controle dos corpos, não interessa como o paciente vai sobreviver, e sim, que ele sobreviva. A medicação é para controle, para assegurar que aquele jovem não se mate, mas não se pode dizer que aquele jovem vive. Porém, não se vê questionamentos a este respeito, todos que ali exercem seu ofício não questionam a possibilidade de suas atitudes serem violentas. Hanna Arendt traz que – “(...) a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e portanto, negligenciadas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos” (2014, p.23)

Entre um corredor e outro, entre uma prescrição e outra, o desejo deste corpo que escreve é de correr. São tantas as violências praticadas pelo simples fato de estar ali presente na situação, são tantas violências praticadas em nome do científico e do capitalismo que meu corpo também paralisa, chega ao fim às doze horas de trabalho diário. Corro, corro para longe do sufocamento, mas ele já faz parte do meu corpo.

Cena 2 (2): Os barulhos dos passos que dou se misturam aos do trânsito, atravesso correndo a Avenida onde trafegam ônibus, motos e automóveis. Ao correr meu corpo respira o ar dessa fumaça com odor pesado. Terminado de percorrer o asfalto e meu pé alcança a terra demarcada por concreto, o outro pé alcança a grama que não sinto devido meu calçado. Adentro o parque ali posto e o cheiro da fumaça assim como o barulho do trânsito ficam para trás, as árvores me engolem para o centro aberto e rodeado da vegetação do parque. E ali encontro uma lona branca de 5x5m jogada na grama.

Aproximo-me da lona retiro os calçados e sinto a grama. O barulho dos corpos, em movimento, sobre a lona tranquilizam a agitação de cinco minutos atrás. Sento descalça próxima à lona e observo os corpos ali em movimento, uma dança sem música, sem ritmo, sem coreografia. Dois corpos em contato, pele a pele soltam risadas e meu riso se junta a eles - o movimento foi ousado e gerou uma queda amaciada pela lona e braçada como processo pelos corpos ali implicados.

O vagalume acendeu-se como interferência na cidade, como o oxigênio necessário para respirar diante de tanta violência para respirar diante de tanta violência. É no percurso que a caminhada se desenha. É no percurso que sigo pela cidade, que os encontros e desencontros se fazem. Mas a trilha do dia-a-dia joga o corpo para dentro da instituição hospitalar novamente, e é aí que encontro um menino de 11 anos que é convidado a entrar na sala de acolhimento (Acolhimento: Momento em que uma criança com suspeita de abuso sexual é atendida por profissionais da área da saúde com intuito de “diagnosticar” a situação e seus encaminhamentos).

Os olhos passam pelas possibilidades da sala. Para, olha, caminha, toca em um, dois, três objetos e aí escolhe um jogo. É no mortal do silêncio, daquele olhar tapado pelas mãos pequenas, que a folha em branco surge como possibilidade de conversa. Inicio um desenho, não um desenho qualquer, e sim a imagem do menino com cabelos raspados e o braço a cobrir os olhos. Lentamente, o menino espia, por cima do braço, o que o lápis traça na folha em branco, olha para folha em branco, ela para a própria camiseta - que está sendo desenhada por mim - e desconfiado percebe, se percebe naquele desenho. Ofereço o lápis, ele sorri, eu sorrio, e ele continua o desenho. Ele se desenha com alguém atrás, quando pergunto sobre o desenho ele silencia e começa apagar o traçado que mostrava a violência que seu corpo sofreu. Depois de apagar, refere que não diria nada, mas que a professora sabia tudo, e que eu poderia perguntar pra ela. Abraça-me e levanta. Eu entendo que terminou aquele tempo ali, abro a porta e chamo a professora. A violência do atendimento, a violência do abuso, a violência ali posta rompe. Hanna Arendt traz que

A própria substância da ação violenta é regida pela categoria meio-fim, cuja principal característica, quando aplicada aos negócios humanos, foi sempre a de que o fim corre o perigo de ser suplementado pelos meios que ele justifica e que são necessários para alcançá-lo (Arendt, 2014,p.18)

Assim como a intervenção ao solitário anônimo, a intervenção com este jovem de 11 anos é realizada por aparato institucional hospitalar com o discurso de “cuidado”, mas o que se vê é o controle e a necessidade de fazer com que esses corpos sobrevivam independente da forma para tal. Se passa através do sujeito, as ferramentas são usadas para dar destino aos registros de afeto desses corpos, destinos não consultados aos mesmos corpos. Em que lugar o ser psicóloga se encontra nesse território, o como é esse fazer? Acredito que um pouco da falta de intencionalidade do CI poderia interferir neste loco fechado. Saio do hospital com as costas doloridas, com as mãos secas de tanto álcool gel, assepsia pura, procuro formas de dar conta da minha afetação.

Cena 3: Sento dentro da lona e começo a alongar o pescoço procurando axamento, um instante no instante - nem no passado nem no futuro - só ali no devir constante do vento dos barulhos, dos reencontros desse vento com as folhas, dos corpos que caem e se movem na lona e no barulho do corpo que habito. Sinto mãos nos nós dos músculos de minhas costas, dedos firmes passando com força pelos músculos até um toque mais suave pela pele - as mãos não agarram, são os pulsos que começam a deslizar pelo meu ombro e pelo braço deslizando de antebraço que lhe faz conjunto que pelo meu braço começou a escorregar, meu braço tenta sugerir esta queda levando minha cabeça e meu tronco ao contato com a lona, num deslize lateral - dois corpos agenciados deslizando pela lona. O barulho do toque vira som, a percepção se volta à sensação do toque. Os músculos em contato - os ossos ali postos. Dois corpos deitados lado a lado sobre uma lona branca. Corpos, dois, a potência que essas formas contra o fluxo contemporâneo possuem, é, nessa produção de potencia, na minha capacidade de respirar após uma entrada no território da lona. Como deixar à vista aqueles que procuram um desvio nesse mecanismo de produção de vida?

Somos territórios, circulamos sobre territórios, usamos o território e a (des) territorialização como formas de se falar sobre as possibilidades de pensamento. Vivemos a cidade como território pouco explorado, mas como cheguei aqui? Cheguei pela possibilidade de encontrar potência nas interferências do cotidiano, e como permitir um maior alcance dessas interferências? O lugar público não escolhe seu público, nada diferente de uma lona no meio do parque. Sinto-me a trilhar caminhos tortuosos a trás de vagalumes e na luz que acende-se encontro a potência no CI.

A Lona Branca

Potência em meio à cidade é isso que me remete o CI. A possibilidade do toque sensível é o primeiro contra-fluxo frente ao contemporâneo e suas instituições. A falta de objetivo e intencionalidade do contato, a possibilidade de um improviso sem a lógica do produtivo. Se o capitalismo contemporâneo pudesse falar ao ver os corpos dançarem diria que é uma “perda de tempo”. Para mim, um tempo ganho. A cada movimento que permite o fluxo do toque sinto um afago na pele, diferente do toque já determinado e imposto presenciado em tantas cenas acima descritas. O encontro com o outro não tem por ideia me direcionar a nada, menos ainda prever algo ou determinar. Os erros são risos e não cobranças, o tempo é o do processo e não dos prazos, as horas ali não são horas, são devires.

Impulso e subir com o peso deste corpo sobre o peso do outro que se vira rápido fazendo com que encontre o toque com a lona novamente. Enquanto sinto o gelo da lona percebo as costas do parceiro ali, construindo uma troca de posição. Sinto na lateral do tronco a coluna horizontal do outro ficando vertical e acompanho. Minha cintura puxa meu tronco, que puxa minha cabeça e estamos sentados costa a costa. Vejo dedos e empresto minha cabeça para percorrer caindo para o outro lado - levanto de um lado e caio de outro.

Nesse agenciamento, a noção de tempo cronológico e de produção some, sinto um fluxo que faz este corpo estar ali e movimentar-se no agenciamento de um outro (ou outros) corpo ali. Uma brincadeira de criança expressa a sensação que me toma ao assistir e praticar o Contato e Improvisação, uma criança solta e curiosa sem mediações.

Não há violência que resista no meu corpo frente ao sensível dessa dança, a estagnação some como somem as dores frente o saborear algo potente. Os vagalumes fazem a festa, e em série, dançam conosco, pode ser noite ou dia o movimento não cessa, pois não tem hora marcada. A formatação do corpo vai ficando sem saída a não ser a de sair de cena quando o ser bailarina entra na lona, e não refiro apenas à minha formatação, mas a de todos ali presentes. O improviso não permite movimentos coreografados pré-estabelecidos com um rigor avaliativo; o improviso possibilita a brincadeira diante do acontecimento, e é nesse ritmo que sai a sobrevivência para entrar a vida.

O fato de o CI não ter local certo para acontecer permite que ele não se engesse, que ele se coloque como ferramenta de interferência no dia-a-dia dos sujeitos implicados no processo ou visitantes do mesmo. O ruído causado pelo contato e improvisação na formatação dos corpos pelo exigente contemporâneo e toda a sua violência é visível.

De ponta cabeça vejo um jovem sentar 10cm, mais ou menos, da lona onde encontro-me trocando os pés pela mãos. Continuo a dançar aquele fluxo de corpos sem música de fundo e percebo que o jovem está a 5 cm da lona. Uma força me joga para o alto e tento equilibra-me sem perder a possibilidade de sentir o ar, é quando vejo o jovem retirando os tênis.

Por segundo penso que ele está tentando entrar na lona, e por segundo percebo que a formatação da sociedade lhe dificulta esse processo, é por segundos, pois, após a queda, mergulho novamente no emaranhado de quatro corpos. Sento e começo a sentir o barulho do vento na pele e observo o rapaz que encosta lentamente os pés na ponta da lona, ele vai se aproximando com feições de medo. Penso em fazer uma brincadeira; gritar Bu! Para ver se sintonizo a ideia de que a lona não morde. Ele entra e a brincadeira começa. (Diário de Campo)

A lona não morde? Será mesmo? E as marcas que ela deixou no meu corpo foram feitas como? Será que a criatividade e a criação só devem ser usadas para desenvolver quem se é, e esse “se é” virar mercadoria? Será que essa diferença não pode ser usada para nada, sendo essa nada a vida? Essas e várias outras perguntas me vêm à mente. O rapaz acima citado dançou comigo aquele dia, mas não só aquele.

Entre uma ida e outra ao hospital ou consultório, encontro, na volta uma lona branca. Os territórios que transito permitem essa oxigenação entre instituições duras e outras potentes. Digo isso, pois no meio da trilha dessa cidade que percorro há um parque, e neste parque há dança, e por felicidade, meu trabalho e minha casa estão um em cada ponta dessa grama coletiva.

Depois de uma dança, percebo que chego ao hospital em sincronia com as palavras que Muylaert escreve no prólogo de seu livro:

Uma existência é sustentada pelo corpo que a constrói. Um corpo pode o que sustenta, cotidianamente, em seu trajeto pelo tempo. Este é o limite que se instaura nas vidas que se sabem regidas a partir das relações. É a fronteira mais precisa e intensa que o corpo pode viver. (2011, p.13)

Penso nos corpos que se recusam a “viver” e nos corpos marcados pela violência que acompanho com o ser psicóloga, e me deparo com a realidade da construção dos corpos e novamente com a concordância do conceito de vida nua de Agamben. “*O rendimento fundamental do poder soberano é a produção da vida nua como elemento político original e como limiar de articulação entre natureza e cultura, zoé e bios.*” (2002, p.187)

Conceitos como Zoé e Bios são usados por Agamben (2002) e auxiliam o compreender a biopolítica pela visão deste autor; na cultura grega, havia a distinção entre zoé, tida como a vida natural, ou seja, a vida regida pelas leis da espécie e; bios, que é a vida construída pela *práxis* dos sujeitos, elaborada historicamente e que dita a vida.

É com base nesses conceitos que perguntas surgem no acompanhar o rapaz que entra e sai da lona, ao acompanhar Cesar e tantos outros corpos no dia-a-dia. Como um corpo pode sustentar o que constrói quando o construído é a sobrevivência sobre um pedaço de terra? Como um corpo que chegou ao nihilismo contemporâneo ira recusar a ele? Como não reproduzir em si a violência institucional criada sobre estes corpos? Como nesse processo todo o dançar sem música para guiar fará sentido a tantos corpos guiados sem nem consciência pelo que? É possível uma (des)construção potente sob exigência?

O toque sensível dos diversos corpos relembra o registro do afeto, o toque é pela sensação e pelo fluxo de possibilidade, é possível sentir o quanto partes do corpo param outros corpos ou fazem o escorregar dos outros. Esse toque é pela pele, pelo olhar, pelo ser, como houve comigo um toque de carinho por um dançarino ao perceber o peso das minhas costas numa das cenas acima citadas. Esse olhar que desacelera o ritmo frente às exigências de prazos e metas do dia-a-dia faz perceber seres humanos à nossa volta, o suor e os barulhos que todos os corpos podem produzir. E é esse emaranhado de toques que permite a ideia do coletivo como potência, não apenas na lona, mas fora dela também.

Se a instituição hospitalar é dura, o ato coletivo é contagiante. É frente a isso, que grupos de trabalho buscam uma discussão de casos de violência em equipes que reproduzem a violência através da instituição. Essas discussões de caso não visam apontar o erro e sim transformá-lo em crítica, em riso, como o erro no CI, forma de trabalho que permite uma mudança de olhar e a possibilidade mínima de início de contágio do que é um toque sensível. É claro que as mudanças produzidas são da ordem micro, fazem-se para através de uma micropolítica. Micropolítica é uma verdade cotidiana, visto que se acredita como verdade que toda a ação do

sujeito é política e ao mesmo tempo pode se dar em nível macro ou micro. No caso de uma instituição como o hospital, agir no micro é possível, já tentar agir no macro não se mostra como possibilidade potente.

Esse movimento que descrevo na dança ou nos locais de trabalho são o perambular entre territórios que meu corpo vivencia e, de alguma forma, as linhas de contorno desses territórios tornam-se manchadas pelas afecções que carrego de um lado ou outro comigo.

Referências

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

ARENDT, H. Sobre a Violência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BORGES, J. L. Ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: GRAAL LTDA, 1996. 12 Edição.

GUTFREIND, C. A Infância do Espelho. **A criança no adulto, a literatura na psicanálise.** São Paulo: ARTMED LTDA, 2014.

HENZ, A. Interferências estético-conceituais em ambiências e questões para pensamento-pesquisa. Disponível em: <http://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2014/10/15/interferencias-estetico-conceituais-em-ambiencias-e-questoes-para-pensamento-pesquisa>. Acesso em: Novembro de 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, 2ª edição.

LEPKOFF, D. Contact Improvisation: A Question? Disponível em: <http://www.daniellepkoff.com/Writings/CI%20A%20question.php>. Acesso em: Abril de 2013.

MUYLAERT, M. A. Corpoafecto: **O psicólogo no Hospital Geral.** São Paulo: Escuta, 2011.

PELBART, P.P. Vida Capital. **Ensaio de biopolítica.** São Paulo: Iluminuras Ltda, 2003.

PELBART, P. P; Vida e Morte em Contexto de Dominação Política. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.*

SMITH, N. Harvest: **One History of Contact Improvisation.** August, 2005

Anexos 1:



(Fotografia retirada em Abril de 2014 por André Reali Olmos da prática do Contato e Improvisação no Parque Farroupilha em Porto Alegre- RS)

Anexo 2:



(Fotografia retirada em Abril de 2014 por André Reali Olmos da prática do Contato e Improvisação no Parque Farroupilha em Porto Alegre-RS)

Anexo 3:



(Fotografia retirada em Abril de 2014 por André Reali Olmos da prática do Contato e Improvisação no Parque Farroupilha em Porto Alegre-RS)

Anexo 4:



(Fotografia retirada em Abril de 2014 por André Reali Olmos da prática do Contato e Improvisação no Parque Farroupilha em Porto Alegre-RS)

Anexo 5:



(Fotografia retirada em Abril de 2014 por André Reali Olmos da prática do Contato e Improvisação no Parque Farroupilha em Porto Alegre-RS)

Anexo 6 :



(Fotografia retirada em Abril de 2014 por André Reali Olmos da prática do Contato e Improvisação no Parque Farroupilha em Porto Alegre-RS)

Anexo 7:



(Fotografia retirada em Abril de 2014 por André Reali Olmos da prática do Contato e Improvisação no Parque Farroupilha em Porto Alegre-RS)